



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I – CAMPINA GRANDE

CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

JÉSSICA GUEDES MARTINS XAVIER

**TRABALHO VOLUNTÁRIO:
AUTOTRASCENDÊNCIA COMO CAMINHO DE SENTIDO**

CAMPINA GRANDE-PB

2017

JÉSSICA GUEDES MARTINS XAVIER

**TRABALHO VOLUNTÁRIO:
AUTOTRASCENDÊNCIA COMO CAMINHO DE SENTIDO**

*Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação de Psicologia da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à
exigência para a obtenção do grau de
Bacharel/Licenciado em Psicologia.*

Orientador (a): Prof.^a Ms. Lorena Bandeira
Melo de Sá.

CAMPINA GRANDE-PB

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

X3t Xavier, Jéssica Guedes Martins.

Trabalho voluntário [manuscrito] : Autotranscendência como caminho de sentido / Jessica Guedes Martins Xavier. - 2017.
35 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2017.

"Orientação: Profa. Ma. Lorena Bandeira Melo de Sá, Departamento de Psicologia".

1. Trabalho voluntário. 2. Autotranscendência. 3. Logoterapia. I. Título.

21. ed. CDD 616.891 4

JÉSSICA GUEDES MARTINS XAVIER

**TRABALHO VOLUNTÁRIO:
AUTOTRASCENDÊNCIA COMO CAMINHO DE SENTIDO**

*Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação de Psicologia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para a
obtenção do grau de
Bacharel/Licenciado em Psicologia.*

Orientador (a): Prof.^a Ms. Lorena
Bandeira Melo de Sá.

Aprovada em: 25 / 04 / 2017.

BANCA EXAMINADORA

Lorena Bandeira Melo de Sá

Prof.^aMs. Lorena Bandeira Melo de Sá/ UEPB

Orientadora

Marinalva da Silva Mota

Prof.^a Ms. Marinalva da Silva Mota/ UEPB

Examinadora

José Roniere Morais Batista

Prof.^oDr. José Roniere Morais Batista/ UEPB

Examinador

Aos meus pais, que me ensinaram, sem precisar de
teorias, o significado de dar-se gratuitamente,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, sempre e em primeiro lugar, por me ter dado a capacidade de chegar até aqui, não apenas por mérito meu, mas por graça. Seu amor, constante e fiel, me ensina que não posso viver fechada em mim mesma, mas devo transcender.

Aos meus pais, Robério e Leidimar, por terem me proporcionado as oportunidades de estudo e investido não muito, mas tudo em mim. Pelo zelo, amor e cuidado de todas as horas, gratidão!

A Comunidade Católica Obra Nova do Coração de Maria, da qual faço parte, por ter sido a primeira instituição de trabalho voluntário da qual eu tive contato, e por ter me inspirado a fazer o presente trabalho. Toda a minha dedicação como sinal de agradecimento.

Aos meus colegas de turma, em especial aos que me acompanharam na escolha pela Logoterapia, pelo auxílio mútuo, fruto de uma parceria verdadeira e incentivo constante. Com vocês aprendi mais do que nos livros. Gratidão pelo encontro existencial com cada um!

Aos meus professores que, desde o início do curso, me incentivaram nesta profissão e, acima disso, nesta maneira de ver o mundo. Em especial aos presentes na banca examinadora deste trabalho, escolhidos com carinho, meu sincero agradecimento.

Aos meus amigos, que tornaram o percurso mais leve e prazeroso, me recordando sempre o motivo pelo qual eu escolhi ser psicóloga.

Aos meus pacientes da Clínica Escola de Psicologia e a todas as pessoas com as quais eu pude, dentro e fora da uepb, exercer minha profissão na prática.

Ao meu namorado, Matheus Garcia, pelo amor e auxílio presentes nos momentos mais difíceis do curso e por compartilhar comigo cada conquista. Minha gratidão pelo companheirismo, por acreditar em mim e por sonhar junto comigo.

Por fim, aos participantes da presente pesquisa, que se dispuseram a colaborar para a realização do meu trabalho.

A todos vocês, meu muito obrigada!

“O homem vive de seus ideais e valores, e a existência humana não é autêntica, a menos que seja vivida de maneira autotranscendente.”
Viktor E. Frankl.

SUMÁRIO

1. Introdução	08
2. Referencial Teórico	09
3. Percurso Metodológico	15
4. Participantes	17
5. Resultados e Discussão	17
6. Considerações Finais	29
Referências	32

TRABALHO VOLUNTÁRIO:
AUTOTRASCENDÊNCIA COMO CAMINHO DE SENTIDO

XAVIER, Jéssica Guedes Martins¹

RESUMO

Esta pesquisa de cunho qualitativo teve como objetivo identificar a relevância do voluntariado como meio de realização de sentido, tendo por finalidade compreender a relação do trabalho e o caráter de missão desempenhado nas atividades voluntárias a partir dos conceitos de autotranscendência e valor de atitude generalizado. Considerando o trabalho como meio pelo qual o homem pode autotranscender-se, uma postura abnegada em favor do outro, ainda que mediante um destino positivo, pode dar significado às ações laborais, levando o indivíduo a encontrar sentido. Foi utilizada como base teórica e epistemológica a Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Emil Frankl, dando ênfase à realização de valores no contexto do trabalho voluntário. Para a análise das entrevistas, foi utilizada a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo, onde mediante as observações e entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa, é formada uma síntese a partir de pedaços de discursos de sentido semelhante reunidos num só discurso. A amostra não aleatória foi constituída por 10 voluntárias vinculadas à sede do **GAPO (Grupo de apoio ao Paciente Oncológico)** de Campina Grande, PB. Os resultados obtidos a partir dos depoimentos das pessoas entrevistadas apontaram para um nexos causal entre o sentido do trabalho e o voluntariado, como expressão de autotranscendência e realização de valores; e que o motivo que as levou a se voluntariarem coincide justamente com o sentido que elas atribuem ao trabalho voluntário.

Palavras-chave: Trabalho Voluntário; Autotranscendência; Logoterapia.

¹Graduanda do Curso de Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.
Email para contato: jessicaguedeson@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A palavra trabalho apresenta diversos significados, alguns deles representando esforço ou transformação. O termo em português vem do latim *tripalium*, um antigo instrumento da agricultura, mas que também foi utilizado para atos de tortura e, por isso, o trabalho pode também se relacionar a algo ruim e penoso.(ALBORNOZ, 1994).

Hoje, entende-se que o trabalho supõe uma tendência para um fim e esforço para a realização de um objetivo, sendo o trabalho uma forma de interação do homem com o meio, podendo modificá-lo e ser modificado pelo mesmo. (GUEDES e GAUDÊNCIO, 2012)

Diferentemente dos animais, o ser humano opera o seu trabalho de forma consciente, e não por mero instinto. É em sua forma única de executar uma atividade laboral que a logoterapia acredita que o homem pode encontrar sentido. Dessa forma existem pessoas que se empenham em ocupações que ultrapassam os muros das organizações, e espontaneamente expressam ações que não são individualizadas e que podem modificar não só a sua vida, contribuindo com a comunidade de forma voluntária. (FRANKL, 2003)

Esta pesquisa de cunho qualitativo procura compreender a relação do trabalho e o caráter de missão desempenhado nas atividades voluntárias a partir dos conceitos de autotranscendência e valor de atitude generalizado. A base teórica utilizada é a Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Emil Frankl.

Com o objetivo de identificar a relação entre sentido do trabalho e voluntariado, foi realizada entrevista semiestruturada com dez voluntárias vinculadas à sede do GAPO (Grupo de Apoio ao Paciente Oncológico), Campina Grande, PB. As respostas dadas pelas participantes à entrevista semiestruturada foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas e analisadas.

Desta forma, o presente artigo apresenta a fundamentação teórica baseada em autores como Frankl (1990; 1991; 1992; 2003; 2005; 2008; 2011; 2016), Lukas (1989; 1992), Xauza (1998), Albornoz (2000), entre outros autores; os procedimentos metodológicos; os resultados e as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O TRABALHO E SEUS SIGNIFICADOS

À palavra trabalho podem ser atribuídos diversos significados. “Às vezes, carregada de emoção, lembra dor, tortura, suor do rosto, fadiga. Noutras, mais que aflição e fardo, designa a operação humana de transformação da matéria natural em objeto de cultura.” (ALOBORNOZ, 1994).

Para além da ideia de atividade e exercício, em português, trabalho pode remeter a preocupação, desgosto e aflição. Isto por que, em nossa língua, a palavra trabalho origina-se do latim *tripalium*, um instrumento de tortura. No dicionário filosófico, o trabalho significa o emprego de forças espirituais ou corporais, tendo em vista um fim a ser realizado.

Na língua portuguesa, apesar de haver labor e trabalho, pode-se encontrar na palavra trabalho duas significações: “a de realizar uma obra que te expresse, que dê reconhecimento social e permaneça além da tua vida; e a de esforço rotineiro e repetitivo, sem liberdade, de resultado consumível e incômodo inevitável.” (ALBORNOZ, 1994)

O que diferencia o trabalho humano dos demais animais é que neste há consciência e intencionalidade, enquanto os animais o realizam por instinto, sem consciência. Portanto, a liberdade no trabalho é característica humana.

Apesar de as condições de trabalho não serem, na maioria das vezes, controladas pelo trabalhador, o modo como os mesmos subjetivam as vivências de prazer-sofrimento e o sentido que essas vivências assumem para ele irão refletir na maneira como este trabalhador irá lidar com o trabalho, bem como as estratégias utilizadas para enfrentar as dificuldades. Portanto, mesmo aqueles trabalhadores que não têm a liberdade de mudar suas condições laborais, podem mudar a si mesmos, modificando suas atitudes e atribuindo significado às suas atividades.

2.2 SENTIDO DO TRABALHO E VOLUNTARIADO

Viktor Emil Frankl, fundador da Logoterapia, parte de um fundamento antropológico espiritual existencial, formando uma teoria psicológica centrada no sentido. Para Frankl (2008), o problema fundamental do homem é descobrir e realizar sentido, encontrando

significado na própria existência. Isso se dá através da realização de valores que, mesmo sendo universais, são vividos de forma particular.

O homem é capaz de encontrar sentido em todas as esferas de sua existência, seja no amor, no sofrimento, na morte ou mesmo no trabalho. Para ele, “o sentido é inerente em cada caso, à realização (à realização com que se contribui para a comunidade) e não à profissão concreta como tal” (FRANKL, 2003). Portanto, não é o trabalho que dará sentido ao homem, nem mesmo o torna insubstituível, mas pode dar-lhe a oportunidade de vir a ser. No trabalho, o homem tem a oportunidade de vivenciar valores que o levem a descoberta de sentido.

Os valores são nomeados por Frankl (2008) em valores experienciais, atitudinais e criativos. Os valores experienciais acontecem no ato de receber algo do mundo; a partir da relação com alguém a quem se ama ou com a própria natureza. Os valores de atitude são manifestados frente a uma situação que não pode ser mudada, atribuindo ao homem a capacidade, em sua liberdade e responsabilidade, de transformar a dimensão trágica em um ganho. Já os valores de criação se dão pelo ato de dar algo ao mundo, como uma obra ou criação única. A realização de valor criativo se manifesta como uma resposta transcendente e se dirige sempre para além de si mesmo, e não apenas para benefício próprio.

Elizabeth Lukas pontua, ainda, um outro grupo de valores pelo qual se realiza sentido: os valores de atitude generalizados. São valores que também se dirigem à comunidade e se relacionam diretamente com os valores criativos, em especial com o trabalho.

“Pois um destino positivo que cabe a uma pessoa, quando esta possui a atitude correta perante ele, em vez de simplesmente servir à satisfação de desejos egoísticos, pode ser usado como uma fonte de bênçãos para aqueles a quem o destino não foi tão pródigo; pode ser transformado em amor ativo e em auxílio ao próximo.” (LUKAS, 1992, p.1465)

Dessa forma, o trabalho pode ser um meio de realização de valor criativo ou mesmo uma expressão de valor de atitude generalizado. Viktor Frankl (2003) afirma: “Enquanto os valores criadores ou sua realização ocupam o primeiro plano da missão da vida, a esfera da sua consumação concreta costuma coincidir com o trabalho profissional”. No trabalho, o homem tem a possibilidade de se autotranscender de uma forma única e irrepetível, e isto depende apenas dele mesmo, e não do trabalho que ele realiza; de quem o faz e do modo como o faz (LUKAS, 1989).

Sendo assim, a autorrealização é alcançada como uma conseqüência de uma dedicação a algo ou alguém diferente de si mesmo. Não é buscando esta autorrealização que o homem poderá alcançá-la, mas a partir da realização de valores criativos por meio da

autotranscendência. O trabalho, portanto, pode ser considerado como um fenômeno criativo e social, pois sendo o homem um ser em busca de sentido, poderá encontrá-lo também por meio do trabalho, atribuindo significado aos seus atos laborais.

Realizando valores criativos, o homem tem a capacidade de perceber a sua vida com um caráter de missão, sendo o trabalho um meio importantíssimo para se alcançar este objetivo, pois através deste espaço que possibilita a relação com a comunidade e a autotranscendência, o homem pode encontrar e realizar sentido e valor.

O ser humano tem um potencial de desenvolvimento que pode ser expresso pelos seus atos criativos e produtivos, o que favorece o ato transcendente a partir do trabalho. Percebe-se, no entanto, um ritmo que tem transformado o trabalho em um instrumento alienante e massificador: A vida de cada indivíduo vem sofrendo o ajuste à um mesmo ritmo, sendo enquadrada nas ditas necessidades imediatas do que se chama globalização, o que faz com que o sujeito se aparte cada vez mais do que o faz Humano.

Mesmo com as possibilidades que o trabalho confere ao ser humano, cada vez mais uma relação alienada está se estabelecendo entre o homem e seu trabalho. Um dos elementos centrais do sistema capitalista é o trabalho, movido à lógica de produção e consumo, levando o homem a esquecer a dimensão espiritual a ser alcançada em sua vida e possibilitada pelo trabalho. Por vezes o trabalho, vivenciado de forma alienada, deturpa a identidade do trabalhador na esfera da atividade realizada, havendo um antagonismo entre as motivações e desejos do indivíduo e seu trabalho, podendo levar à perda de sentido na realização das tarefas.

Porém, mesmo com condições de trabalho que levem o homem à despersonalização, este ainda tem a possibilidade de transcender, sendo esta a capacidade criativa que ele possui em seu ambiente de trabalho.

Para além das situações que fogem ao controle do indivíduo, ele sempre tem escolhas. Uma das formas de lidar com frustrações como o desemprego, ou mesmo a realização de um trabalho que não apresente significados para o sujeito, seria o trabalho voluntário. “(...) estes homens se dedicam a ocupações que vão muito além do seu campo estritamente profissional. Ajudam espontaneamente, por exemplo, esta ou aquela organização.” (FRANKL, 2003)

Tendo como fonte primordial de autorrealização, a autotranscendência, até mesmo no contexto de trabalho, pode-se afirmar que o trabalho voluntário seja um caminho para que o sujeito encontre significado, sinta-se único e irrepetível, e possa, através de seu trabalho, construir, contribuir para algo além de si mesmo, sem pensar em recompensas imediatas (financeiramente, por exemplo) e, desse modo, realizar valores criativos, atitudinais, e

experienciais, encontrando sentido no trabalho. Além disso, há ainda a realização de valor de atitude generalizado, pois o sujeito, ainda que viva em condições favoráveis, diante de um destino positivo, pode usar de sua liberdade para que seu destino sirva de apoio a outras pessoas que não possuem a mesma condição.

Esse poder de transformação se dá pela capacidade humana de se abrir de forma ilimitada ao mundo e perceber as diversas possibilidades que ele oferece. A essa abertura Frankl chama de *autotranscendência*, como forma de vencer o isolamento em si mesmo e romper os limites das introspecções que cegam e levam à angústia existencial. (XAUZA, 1998)

Isso pode ser observado nas organizações da sociedade civil sem fins lucrativos, criadas e mantidas principalmente pela participação voluntária visando à solução de problemas sociais. Pessoas que dedicam tempo e esforços em favor de outras sem que haja uma gratificação financeira (VIANA & MACHADO, 2011).

O voluntário é um indivíduo que oferece o seu serviço a uma determinada organização, sem esperar uma compensação monetária. Seu serviço gera benefícios a si mesmo e a terceiros. Os conceitos de voluntariado mais referenciados na literatura acadêmica brasileira são proposta pelas Nações Unidas e o presente na Lei 9.608/98, que regulamenta o trabalho voluntário. Nas duas definições considera-se como trabalho voluntário aquele: não remunerado, prestado por pessoa física e ligado a diversas formas de atividades.

Pela Lei 9.608/98 (BRASIL, 1998): Trabalho voluntário é “a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza, ou a instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade”.

Pelas Nações Unidas (ONU, 2007), o voluntário “é o jovem ou o adulto que, devido a seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem estar social, ou outros campos.”

“De acordo com a Organização das Nações Unidas a atividade voluntária não inclui benefícios financeiros, é levada a cabo atendendo à livre e espontânea vontade de cada um dos indivíduos e traz vantagens a terceiros, bem como ao próprio voluntário.” (FERREIRA, PROENÇA & PROENÇA, 2008)

Segundo Ferreira, Proença e Proença (2008), o voluntariado pode ser realizado de modo informal ou formal. O voluntariado informal caracteriza-se por comportamentos como, por exemplo, ajudar os vizinhos ou idosos, sem nenhum vínculo com alguma instituição. O voluntariado formal inclui comportamentos semelhantes, mas que se enquadram no âmbito de uma organização.

Engajar-se em uma atividade que promova ganhos a outras pessoas, seja de cunho formal ou informal, pode tornar-se um meio de autorrealização e satisfação laboral, se a realização dessa atividade seja motivada pela autotranscendência. Este tipo de trabalho pode ajudar, inclusive, indivíduos que estejam passando por uma situação de desemprego, empregando bem o tempo livre. (FRANKL, 2003)

Diversas podem ser as motivações que levam uma pessoa a realizar trabalho voluntário, dentre elas o anseio por melhoras sociais, promover uma causa ou ajudar pessoas, mesmo sem conhecê-las. Os voluntários costumam buscar um espaço de interação social mais saudável, saindo do ambiente estressante e competitivo do trabalho em rede privada. O que há de comum no voluntariado é um traço de ética da solidariedade, entendendo esta como a capacidade de agir em benefício do outro.

Altruísmo e solidariedade são muitas vezes apontados como motivadores do voluntariado, por serem valores morais socialmente constituídos vistos como virtude do indivíduo. Não se pode esquecer, contudo, o potencial transformador que essas atitudes representam para o crescimento interior do próprio indivíduo e para a transformação da sociedade. Assim, o trabalho voluntário tanto pode ser visto como modo de manter a ordem social, quanto como agente de transformação, prestando-se a diferentes planos políticos. (AZEVEDO, 2007)

2.3 AUTOTRASCENDÊNCIA COMO CAMINHO DE SENTIDO

Na ontologia dimensional de Frankl, as dimensões biológica, psíquica e noética são constituintes do ser humano, sendo ele compreendido como uma unidade apesar da pluralidade.

Arelada às suas dimensões, está a relação do sujeito com o mundo, sua abertura para algo ou alguém que o transcenda. Como base teórico-prática da Logoterapia, Viktor Frankl (2003; 2005; 2011) sempre se remeteu ao caráter transcendente do espírito humano. A

construção da própria identidade da pessoa passa pela sua relação com o mundo. Essa relação dá-se, segundo Pereira (2013), por um processo de abertura ao mundo, de um não fechar-se em si mesmo, por meio do empenho que o homem emprega em algo ou alguém, em sua capacidade de amar ou criar, como por exemplo, na realização de algum trabalho ou em suas relações interpessoais.

Dentre as capacidades e potencialidades especificamente humanas, chamadas recursos noéticos, estão a capacidade de diferenciação e a autotranscendência, muito importantes para o aspecto saudável das relações humanas. “A diferenciação corresponde à capacidade de diferenciar-se dos demais, de se contactar com outro ser humano a partir de um encontro pessoal e, não objetal (...)” (SÁ, 2016, p.46). A relação intersubjetiva traduz o encontro humano que, segundo Giovanetti (2012), ultrapassa a relação objetal, onde o homem é visto apenas como objeto de desejo, sendo estabelecida a dinâmica existencial do sujeito, movida pela troca com outros seres. Através do recurso noológico da diferenciação, o homem tem a capacidade de estabelecer vínculos autênticos com os demais, sendo manifestados por meio da empatia, da alteridade e autenticidade do sujeito, ao passo que ele consegue perceber o que lhe é próprio e o que é próprio do outro.

À medida que a pessoa consegue diferenciar-se, abre-se à capacidade de ultrapassar a si mesma, de autotranscender-se. Segundo Frankl (2016), a autotranscendência define-se como a capacidade que o homem possui, intencionalmente, de abrir-se ao mundo, dirigindo-se a algo ou alguém além de si mesmo. Apenas dedicando-se a algo ou alguém, o homem pode deixar de enxergar-se de forma simplista e negativa, e passa a encontrar possibilidades de realização de sentido, sabendo que “É a partir da autotranscendência que a vontade de sentido, a autorrealização e a percepção de sentido são possíveis, demonstrando a relevância e o impacto que esse recurso tem na vida do ser humano (...)” (SÁ, 2016, p.46)

“Aponta que, para uma sociedade saudável, dentre alguns elementos está a solidariedade existencial, exercendo a autêntica liberdade e responsabilidade do homem e estimulando essa atitude nos demais, constituindo, assim, a espiritualidade humana. A solidariedade existencial seria, também, uma forma de expressão de valores de atitudes generalizados.” (SÁ, 2016, p.51)

O encontro existencial, expresso a partir da autotranscendência, favorece a troca de valores, provocando uma afetação existencial, ou seja, a capacidade de percepção afetiva de um valor, chegando a deixar-se tocar por ele. Tal capacidade é compreendida como um recurso noético, um potencial saudável (ORTIZ, 2012).

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa qualitativa descritiva buscou identificar a relação entre sentido do trabalho e voluntariado a partir dos conceitos de autotranscendência e realização de valor de atitude generalizado.

Com o intuito de conhecer os motivos que levaram as participantes da pesquisa a se voluntariarem, tomou-se conhecimento do trabalho realizado pelas mesmas, bem como identificou-se o sentido atribuído pelas voluntárias ao seu trabalho e quais aprendizagens elas enxergam ter vivido a partir do voluntariado no GAPO.

A amostra foi constituída por dez voluntárias vinculadas à sede do GAPO (Grupo de Apoio ao Paciente Oncológico), Campina Grande, PB, maiores de dezoito anos e que trabalham voluntariamente. A partir dos critérios citados, os sujeitos foram selecionados por viabilidade e disponibilidade. Para tal, foi realizado um contato inicial com a coordenação do GAPO para o conhecimento da pesquisa e o consentimento das participantes através do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e do Termo de Autorização para Gravação de Voz.

Considerando a resolução 466/12 do Ministério da Saúde, que visa respeitar o participante da pesquisa, observando sua dignidade e autonomia, assegurou-se o respeito à sua vontade de contribuir ou não com a pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida.

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada, elaborada e aplicada pela pesquisadora, na própria sede do GAPO. As entrevistas foram realizadas individualmente segundo a disponibilidade das participantes e tiveram duração média de 15 minutos. Os itens constantes na entrevista serão descritos na análise e discussão dos resultados.

As respostas dadas pelas participantes à entrevista semiestruturada foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas. Em seguida foram agrupadas, categorizadas, e submetidas a uma análise qualitativa, fundamentada na técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) proposta pelos professores Fernando Lefevre e Ana Maria Cavalcanti Lefevre, da Universidade de São Paulo e do Instituto de Pesquisa do Discurso do Sujeito Coletivo. Esta técnica proporciona, a partir das observações e entrevistas aplicadas junto aos sujeitos da pesquisa, uma síntese elaborada a partir de pedaços de discursos de sentido semelhante reunidos num só discurso.

Foram selecionadas expressões-chave, que são fragmentos formados com base nas descrições literais dos depoimentos; identificadas as idéias centrais, que são expressões lingüísticas que descrevem, de maneira sintética e precisa, o sentido contido nos depoimentos.

O discurso do sujeito coletivo é caracterizado a partir de ideias centrais semelhantes, organizadas coerentemente e de forma lógica, exemplificadas a partir das expressões chave (selecionadas nos discursos individuais presentes nas respostas obtidas), sendo composto por um discurso único, redigido na primeira pessoa do singular.

A ideia central de cada expressão-chave é identificada a partir do que, efetivamente, os participantes quiseram dizer. Em uma mesma fala pode haver mais de uma ideia central, sendo todas elas relevantes e, por isso, categorizadas. Na etapa de expressões chave a literalidade do discurso é priorizada, já a identificação da ideia central é feita pelo pesquisador com o objetivo de realizar o agrupamento discursivo.

A Instituição local da pesquisa, o GAPO (Grupo de Apoio ao Paciente Oncológico), é uma entidade de direito privado, de caráter beneficente, criada em 04 de maio de 2000 e aberta à comunidade em janeiro de 2001.

Nasceu por iniciativa de um grupo de profissionais que trabalham com pacientes de câncer, os quais constatam, na sua rotina de trabalho, que a maioria desses pacientes e suas famílias necessitam de uma assistência psíquica e material que os ajude em sua busca de cura.

O objetivo do GAPO é contribuir para que o paciente oncológico possa melhorar sua auto-estima, fortalecer-se e continuar seu processo de cura após a fase hospitalar, por meio da assistência biopsicossocial. Como atividades, o GAPO propõe-se a confeccionar e adquirir instrumentos que vão melhorar a qualidade de vida e a auto-estima do paciente, como próteses e cestas básicas; defender os interesses e direitos individuais ou coletivos de seus associados; participar de campanhas de prevenção e combate ao câncer junto à comunidade; manter apoio aos pacientes no Hospital Escola da FAP, através de voluntários.

Por meio de parcerias e o apoio de alguns profissionais da área da saúde, o GAPO oferece acompanhamento psicológico individual e/ou em grupo ao paciente e familiares, além de assistência psicológica e social em domicílio ou em leitos hospitalares; orientação e apoio para o paciente pleitear inclusão de benefício (Auxílio-doença INSS/LOAS); doação de prótese mamária; viabilização de, pelo menos, 50% do total do gasto com transporte, durante os tratamentos de Radioterapia e/ou Quimioterapia; doação de cestas básicas; empréstimo de perucas; viabilização de alguns exames e medicamentos; doações de cobertores e roupas; oficinas de atividades manuais; reuniões mensais com os pacientes, com o intuito de

promover informação, socialização e entretenimento; formação de grupos de compartilhamento e serviços de fisioterapia.

4 PARTICIPANTES

Sendo apresentados os objetivos da pesquisa à representante da Instituição e aos sujeitos da pesquisa, deu-se o procedimento de coleta de dados no GAPO (Grupo de Apóio ao Paciente Oncológico) com os voluntários vinculados à sede da organização. Obteve-se uma amostra de 10 voluntárias, todas do sexo feminino, com idades entre 50 e 74 anos. Destas, 5 são solteiras, 3 casadas e 2 divorciadas. No tocante à escolaridade, 4 delas possuem ensino superior completo, outras 4 concluíram o ensino médio, 1 é pós-graduada e 1 possui o ensino fundamental incompleto. Dentre elas, 5 são aposentadas, 4 trabalham como donas de casa e apenas 1 exerce trabalho remunerado.

Quanto à religião, 7 são católicas, 1 é espírita, 1 evangélica e 1 não possui religião. Com relação ao tempo de trabalho no GAPO, as voluntárias variam entre 4 e 16 anos de trabalho na instituição. Dentre as entrevistadas, 5 conheceram o GAPO através de alguma outra voluntária, 2 conheceram ao serem pacientes assistidas pela instituição (após cirurgia de mastectomia), 1 através da fisioterapeuta que a tratou na época em que teve câncer, 1 teve contato no hospital, também quando teve câncer e 1 conheceu no hospital, quando levava uma familiar para tratamento médico. Entre as entrevistadas, apenas uma frequenta outra instituição de trabalho voluntário, um grupo que ajuda mulheres que tiveram câncer de mama. No que concerne às atividades em outros locais, 4 não praticam, 3 frequentam o grupo de idosos do SESC, 1 faz hidroginástica, 1 participa de aulas de Ioga e também de um coral e 1 realiza trabalhos de assistência social na Igreja onde participa.

A seguir serão discutidos os resultados e para melhor compreensão e preservação da identidade das participantes, as mesmas serão identificadas por numeração de 1 a 10.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, as participantes da pesquisa foram questionadas quanto ao que lhes motivava a exercer o trabalho voluntário.

A primeira pergunta realizada, “*Que motivo te levou a se voluntariar?*”, teve maior frequência da ideia central *ajudar o próximo*, seguida de *experiência do câncer* e *ocupação*.

Sujeito	Expressões-chave	Ideias centrais	Frequência
01	<i>“O desejo de ser solidária”</i>		
02	<i>“ajudar o outro”</i>		
04	<i>“A vontade de servir ao próximo, de me sentir útil.”</i>	Ajudar o próximo	60%
05	<i>“ocupar a mente, me dedicar ao próximo, fazer o bem às outras pessoas.”</i>		
09	<i>“eu gosto de ajudar as pessoas, e aqui precisa de ajuda”</i>		
10	<i>“Ajudar as pessoas”</i>		
03	<i>“Como eu fui acolhida, aí fiquei muito sensível (...) dar um pouquinho do que eu sei para aqueles que precisam”</i>		
07	<i>“câncer que eu tive (...), já que eu tô bem, agora eu vou ajudar.”</i>	Experiência do câncer	30%
08	<i>“passei pelo problema, e quando a gente passa por certas coisas, nossos valores mudam. Eu decidi: quando eu ficar boa eu vou me dedicar ao trabalho voluntário.”</i>		
06	<i>“quando você se aposenta, você tem muito tempo pra ficar ociosa, não é? Então é bom você procurar uma coisa pra não ficar em casa só pensando em bobagem”</i>	Ocupação	10%

Tabela 1: Expressões-chaves e ideias centrais acerca da motivação do trabalho voluntário

A ideia central mais frequente a ser expressa é a de *ajudar o próximo*, presente em seis das dez motivações citadas. As respostas das entrevistadas nessa categoria relacionam-se com os conceitos Franklianos de valor experiencial, sentido do amor e autotranscendência (FRANKL,1990; 1991; 1992;2003; 2005; 2008; 2013).

No ato de ajudar o próximo, subte-se um encontro, uma abertura para algo externo e isso coaduna com a ideia Frankliana dos valores experienciais onde, dentre as formas de expressão de valor experiencial, está o amor. É a partir da experiência com algo ou alguém que o ser humano tem a capacidade de autotranscender-se, sendo este um constitutivo de sentido.

O sentido do amor, segundo Frankl (2003), dá-se na intencionalidade, ou seja, é realizado a partir da vivência e escolha do sujeito, segundo as relações que ele estabelece, no encontro com outro ser e sua entrega a partir disso, sendo o amor a expressão mais autêntica de valor experiencial. A realização de valores é vivida a partir da relação interpessoal, onde o sujeito dá e recebe, simultaneamente. O amor só é vivido na experiência, valor pontuado por Frankl (2011) como constituinte de sentido. A experiência vivenciada de forma autêntica tem a capacidade de dar sentido ao empenho empregado no trabalho voluntário, como um ato genuíno de dar-se em favor de outra pessoa, e isso está expresso nas respostas citadas nesta primeira categoria.

O valor experiencial, que se configura através do encontro, torna o sujeito aberto e capaz de sensibilizar-se para, assim, captar os valores presentes em cada situação. Nos valores experienciais, pontuados por Frankl (2003), o sujeito recebe à medida que dá algo de si para o mundo, através das relações com outras pessoas, com a natureza e com o ser superior. Segundo Sá (2016), a própria expressão de valor elucidada pelo homem evidencia o caráter transcendente de sua identidade, o que corrobora com as respostas apresentadas pelas participantes.

Percebe-se que a motivação manifesta nessas respostas é autotranscendente, pois se volta para as necessidades do outro, e não de si mesmo. “Transcender-se a si mesmo é um constitutivo da existência humana.” (FRANKL, 2011, p.73). O desejo de ajudar o próximo está claramente expresso na fala das 6 entrevistadas, sendo seus discursos sempre ilustrativos de um olhar dirigido ao outro.

Dessa forma, pode-se construir o discurso do sujeito coletivo da ideia central *ajudar o próximo* da seguinte forma:

O motivo que me levou a me voluntariar foi “*o desejo de ser solidária, ajudar o outro, ocupar a mente, fazer o bem às outras pessoas e me sentir útil.*”

A segunda categoria mais frequente de respostas contempla a ideia de *experiência do câncer* como motivadora para o trabalho voluntário. As entrevistadas 03, 07 e 08 passaram pelo diagnóstico do câncer e, por conseguirem superar a doença, obtendo a cura, se

motivaram a contribuir, de alguma forma, para dar suporte a outras pessoas que também sejam diagnosticadas com câncer.

Essa situação favorece a empatia já que, uma vez que a pessoa passa pelo diagnóstico, isso facilita que ela se coloque no lugar do outro e possa auxiliar outras pessoas que passem por uma situação semelhante a que ela anteriormente vivenciou. Estando atualmente com uma boa condição de saúde, elas escolhem ajudar outras pessoas que não têm, realizando, assim, um valor de atitude. Essas voluntárias não se desesperaram diante do diagnóstico do câncer, mas ressignificaram sua dor e perda (algumas delas realizaram cirurgia para retirada da mama), fazendo com que se tornasse fonte de benefícios na vida de outras pessoas.

Percebe-se o posicionamento altruísta de tais pessoas em face de uma condição positiva em que elas se encontram. Diante do destino positivo (a cura do câncer), elas voltaram suas ações em benefício de outros, ao invés de simplesmente desfrutarem como forma de satisfação de desejos egoístas. Segundo Elizabeth Lukas (1992), o destino positivo pode ser utilizado pela pessoa como uma fonte de bênçãos para aqueles a quem o destino não foi igualmente favorável.

Dessa forma, o discurso do sujeito coletivo da idéia central *experiência do câncer*, foi construído da seguinte forma:

“Passei pelo problema, e quando a gente passa por certas coisas, nossos valores mudam. Como eu fui acolhida, aí fiquei sensível e decidi: quando eu ficar boa eu vou me dedicar ao trabalho voluntário. Já que “tô” bem, agora vou ajudar.”

A terceira categoria encontra-se em um discurso que apresenta como motivação para o trabalho voluntário a *ocupação*. Segundo Frankl (2003), o homem não é aquilo que produz, é muito mais que isso. O sentido do trabalho ultrapassa, inclusive, a condição formal de emprego. Na resposta da 6ª entrevistada, percebe-se que o trabalho voluntário foi motivado pela sua necessidade de ocupação, devido à sua condição de aposentada. No espaço do trabalho o homem manifesta o caráter de unicidade de missão, não havendo possibilidade que outra pessoa o substitua ou represente. Só ele será capaz de fazer à sua maneira.

O homem deve tornar-se consciente da responsabilidade que tem diante dos questionamentos que a vida lhe impõe, sobretudo baseando-se na consciência de uma tarefa concreta e pessoal a realizar, ou seja, uma missão particular a desempenhar. (FRANKL, 2003)

Essa missão é executada primordialmente pelos valores criativos, e isso costuma coincidir com o trabalho. “Em particular, o trabalho pode representar o campo em que o

“caráter de algo único” do indivíduo se relaciona com a comunidade, recebendo assim o seu sentido e o seu valor” (FRANKL, 2003, p.160)

Nesse caso, o discurso do sujeito coletivo da ideia central *ocupação* será:

“quando você se aposenta, você tem muito tempo pra ficar ociosa, não é? Então é bom você procurar uma coisa pra não ficar em casa só pensando em bobagem.”

A segunda pergunta da entrevista da pesquisa, *“O que mudou na sua vida após exercer o trabalho voluntário?”*, teve como idéias centrais: *Ser solidário, mudança de visão de mundo, valores pessoais e autoestima.*

Sujeito	Expressões-chave	Ideias centrais	Frequência
03	<i>“ver que estou ajudando e estou vendo uma vida melhorar”</i>		
04	<i>“saber que estou sendo útil a alguém”</i>	Ser solidário	40%
01	<i>“minha maneira de ver os outros, de ver a vida, ver que a gente pode se satisfazer com tão pouco”</i>	Mudança de visão de mundo	10%
02	<i>“Aprendi a ter menos orgulho, ser menos egoísta, aprendi a dar valor à vida.”</i>	Valores Pessoais	10%
05	<i>“Mudou a autoestima”</i>	Autoestima	10%

Tabela 2: Expressões-chaves e ideias centrais acerca das mudanças advindas do trabalho voluntário

As respostas que contemplam a ideia central de *solidariedade* expressam o conceito logoterapêutico da autotranscendência, enquanto expressão noética primordial do ser humano. Frankl (2016) define a autotranscendência como a capacidade intencional do sujeito abrir-se em direção a algo ou alguém além de si mesmo, abrindo-se para o mundo e, assim, tornando-se apto a encontrar sentido. Ser solidário implica ocupar-se dos outros, em uma postura de abertura às suas necessidades, saindo de uma posição egoísta e pretenciosa, sendo assim uma forma de autotranscendência, pois somente dedicando-se a alguma tarefa ou amando outra pessoa, o sujeito deixa de enxergar apenas a si próprio, o que o capacita a ser solidário, sensibilizando-o. (FRANKL, 2011).

Sendo solidário, o sujeito abre-se à capacidade de sentir o mundo do outro, colocar-se no lugar dele, estando isso claro na resposta da terceira entrevistada, que diz que algo que mudou em sua vida após exercer o trabalho voluntário foi justamente o olhar dirigido ao outro, sendo ela capaz de ver e contribuir para uma melhor condição de vida das pessoas que são assistidas pelo seu trabalho.

A solidariedade é apontada, juntamente com o altruísmo, como uma das principais motivações para o trabalho voluntário, pois este deve ser sempre carregado de ética e solidariedade, implicando o trabalho em vista de outros (AZEVEDO, 2007). Percebe-se, nas respostas das entrevistadas 03 e 04, que o sentimento de ser solidário não apenas as motivou, mas foi ainda mais vivenciado por elas.

Além da ideia de ajudar, sentir-se útil a partir de um ato solidário também foi apontado como uma mudança pela entrevistada 04. A partir do ato de solidariedade, onde as pessoas se obrigam umas às outras e cada uma delas a todas, é possível sentir-se útil, encontrando no seu gesto uma realização de unicidade, expresso no caráter de missão (FRANKL, 2011).

Assim, o discurso do sujeito coletivo da ideia de *ser solidário* foi construído da seguinte forma:

O que mudou na minha vida após exercer o trabalho voluntário foi “*ver que estou ajudando e estou vendo uma vida melhorar, saber que estou sendo útil a alguém.*”

A segunda ideia central extraída do discurso da primeira entrevistada, “*mudança de visão de mundo*” consiste em ampliar e alargar o campo de visão do sujeito, para que ele use todo o potencial do espectro de sentido que pode ser realizado, tornando-se consciente e capaz de enxergar as oportunidades de realizar sentido. Assim como a logoterapia trabalha, o exercício de uma atividade voluntária pode ser exemplificado pela metáfora que Frankl (2008) utiliza para falar do papel do logoterapeuta: “O papel do logoterapeuta é antes o de um oculista que de um pintor. O pintor procura transmitir-nos uma imagem do mundo como ele o vê; o oftalmologista procura capacitar-nos a enxergar o mundo como ele é na realidade.” (FRANKL, 2008, p.134-135)

O trabalho voluntário, no caso da primeira entrevistada, tornou-se uma forma de abertura, e o fato de ela estar aberta a vivenciar valores contribuiu para que ela mudasse de posicionamento frente à vida, e a partir de um valor atitudinal ela adquirisse, além de um novo posicionamento, uma nova visão de mundo, uma nova percepção. A entrevistada fala que sua maneira de ver os outros, de ver a vida, mudou a partir do voluntariado, o que expressa também a capacidade de diferenciação que ela estabelece nos encontros autênticos, tornando-a capaz de perceber a essência própria do outro e de si mesma (FRANKL, 2011).

O discurso do sujeito coletivo da ideia central *mudança de visão de mundo* seria:

O quemudou na minha vida após exercer o trabalho voluntário foi “*minha maneira de ver os outros, de ver a vida, ver que a gente pode se satisfazer com tão pouco*”.

A terceira ideia central, expressa na resposta da entrevistada 02 é “*valores pessoais*”, que corresponde ao modo como o sujeito poderá realizar sentido. Segundo Frankl (2011), não há um sentido universal da vida, mas sentidos únicos de situações individuais. Porém, dentre essas situações, há aquelas que possuem algo em comum, mostrando a existência de sentidos que são partilhados por seres humanos ao longo da história, dizendo respeito à própria condição humana, que são os valores. “Logo, podem-se definir valores como aqueles universais de sentido, que se cristalizaram nas situações típicas que a sociedade - ou, até mesmo - a humanidade tem de enfrentar.” (FRANKL, 2011, p.74).

O ser humano é movido pela busca de um sentido a ser preenchido por meio de valores a serem concretizados, o que consiste em um “campo de tensão” entre a realidade e os ideais a serem alcançados e vivenciados. “O homem vive por seus ideais e valores, e a existência humana não é autêntica, a menos que seja vivida de maneira autotranscendente” (FRANKL, 2011, p.69).

A partir do trabalho voluntário, a entrevistada teve a capacidade de autodistanciar-se, tendo uma maior facilidade de compreender a si própria e modificar aquilo que precisava, em uma atitude de autorregulação e, com isso, ver-se de uma maneira diferente, elegendo a versão de si mesma que ela deseja não como uma forma de vontade de prazer, mas como uma atitude autêntica de sentido.

O discurso do sujeito coletivo da ideia central *valores pessoais* é expresso da seguinte forma:

O que mudou na minha vida após exercer o trabalho voluntário foi que “*aprendi a ter menos orgulho, ser menos egoísta, aprendi a dar valor à vida*”.

A quarta ideia central, apontada pela entrevistada 05, é a “*autoestima*”, que pode ser modificada a partir da autocompreensão. Quando o sujeito passa a compreender mais a si mesmo, auto-observando-se, avaliando a si mesmo e atribuindo valores às suas escolhas, pode gerar conexões de valores, tomando consciência daquilo a que ele quer converter-se, ajudando-o a ter uma nova perspectiva (ORTIZ, 2009).

A autoestima é a qualidade de quem valoriza a si próprio, se satisfaz com seu modo de ser e demonstra, com isso, confiança em seus atos e julgamentos. Ela pode, nesse caso, ser vista como uma expressão de autorrealização. Se a autorrealização é fruto da autotranscendência, o trabalho voluntariado constitui uma oportunidade que o sujeito dispõe

para atuar de uma forma única e irrepitível, encontrando no “dar-se” o sentido do trabalho realizado e, por consequência, a autorrealização. A autoestima é elevada ao passo que o sujeito conhece mais a si mesmo e, a partir disso, encontra significado naquilo que faz.

O discurso do sujeito coletivo, nesse caso, seria:

O que mudou na minha vida após exercer o trabalho voluntário foi “a autoestima”.

A terceira pergunta dirigida aos participantes, “*que aprendizados a experiência no GAPO te trouxe?*” teve como maior frequência a ideia central *ressignificação do câncer*, seguida de *mudança pessoal*, *solidariedade* e *gratidão*, conforme a tabela 3:

Sujeito	Expressões-chave	Ideias centrais	Frequência
03	<i>“Aprendi a superar o câncer”</i>		
06	<i>“Eu não vejo mais o câncer como algo terrível.”</i>		
07	<i>“aprendi a lidar melhor com minha doença”</i>	Ressignificação do câncer	40%
08	<i>“Quando você passa por isso parece que você recebeu uma sentença de morte, e eu vi que não era porque eu tava com aquela doença que eu precisava morrer dela.”</i>		
01	<i>“aprendi a me redefinir como pessoa, a saber tratar mais as pessoas, melhor.”</i>		
02	<i>“superei muito a questão da timidez, aprendi a estar mais aberta”</i>	Mudança pessoal	30%
09	<i>“Eu tinha uma depressão e fiquei boa, aprendi a viver melhor”</i>		
05	<i>“ser mais solidária, a me sensibilizar mais com a dor do outro.”</i>	Solidariedade	20%
07	<i>“aprendi a ajudar outras pessoas a não se desesperarem com o diagnóstico do câncer.”</i>		
04	<i>“ter mais capacidade de perdoar, de agradecer a Deus a cada</i>	Gratidão	10%

día o que a gente recebe, o dom da vida.”

Tabela 3: Expressões-chaves e ideias centrais acerca do aprendizado pessoal adquirido a partir do trabalho no GAPO

A ideia central mais frequente, *ressignificação do câncer*, corresponde aos conceitos de sentido do sofrimento e da morte. Através do trabalho no GAPO, as voluntárias 03, 06, 07 e 08 conseguiram compreender melhor o aspecto de finitude da vida e o valor do sofrimento a partir da resignificação do diagnóstico do câncer.

A morte é uma certeza universal, mas não se sabe como ou quando ocorrerá, e cada um vive sempre frente à possibilidade de sua extinção abrupta. O olhar existencial propõe e realiza uma reflexão sobre a nossa mortalidade, afim de que, a partir da concepção de finitude, a vida como um todo possa ganhar sentido. A proximidade da morte é experimentada com um posicionamento de reflexão profunda, muitas vezes acompanhada por sentimentos de angústia, medo, desgosto, tristeza, desamparo, e isso acontece particularmente quando se toma consciência de sua vulnerabilidade ante doenças graves, como o câncer. “O diagnóstico de uma enfermidade grave confronta a pessoa com uma realidade que se costuma experimentar como imensa, ante a qual se desperta uma tonelada de emoções” (ROBLES, 2014, p.21).

A morte é um estágio que nos permite viver a vida de maneira autêntica, dando-lhe significado, fazendo com que cada experiência vivida importe de alguma forma, mesmo as mais adversas. Sendo ela uma fonte primária de angústia, se o sujeito sabe lidar com essa angústia de uma forma positiva, poderá ver a morte como um propulsor de extrema importância para um maior compromisso com a vida. Aprendendo a dar um novo significado à experiência do câncer, as entrevistadas puderam encarar a morte e o sofrimento de maneira positiva.

Frankl (2008) afirma que podemos encontrar sentido na vida em qualquer circunstância, mesmo quando se confronta com alguma fatalidade que não pode ser mudada. “Porque o que importa, então, é dar testemunho do potencial especificamente humano no que ele tem de mais elevado e que consiste em transformar uma tragédia pessoal num triunfo, em converter nosso sofrimento numa conquista humana” (FRANKL, 2008, p.137)

O sofrimento, sendo encarado como um sacrifício, por meio da realização de valor de atitude, pode ser constitutivo de sentido. A logoterapia fundamenta-se no pressuposto de que uma pessoa não busca o prazer ou o poder como uma finalidade de vida, mas sim o sentido; sendo assim, o sujeito é capaz de sofrer, sob a condição de que este seu sofrimento tenha um sentido, não podendo ser evitado. O sofrimento não é necessário para encontrar sentido, mas quando ele não pode ser extinto em uma dada situação, deve ser visto como uma oportunidade de crescimento pessoal.

Percebe-se que as entrevistadas, além de aprenderem a superar o câncer que tiveram, também desmistificaram o diagnóstico do câncer, ajudando outras pessoas a superar, a partir do trabalho voluntário em uma organização que acolhe pacientes oncológicos. Utilizaram do desfecho positivo que tiveram (a cura do câncer) não apenas como uma realização pessoal, mas como fonte de amparo e auxílio para outras pessoas que se encontram na condição vulnerável que um dia elas estiveram, realizando assim um valor de atitude generalizado.

Dessa forma, o discurso do sujeito coletivo da idéia *ressignificação do câncer* fica assim estabelecido:

Com a experiência no GAPO eu “*aprendi a superar o câncer, a lidar melhor com minha doença. Não o vejo mais como algo terrível. Quando você passa por isso parece que você recebeu uma sentença de morte, e eu vi que não era porque eu tava com aquela doença que eu precisava morrer dela.*”

A segunda ideia central de maior ocorrência foi de *mudança pessoal*, que contempla a influência que existe entre o encontro existencial e a capacidade de transformação de si mesmo, que se relaciona com o autodistanciamento (ORTIZ, 2009). A partir do trabalho no GAPO, as entrevistadas demonstram ter obtido maior facilidade de tomar distância de si mesmas, redefinindo-se.

Nas respostas das entrevistadas 01 e 02 está ilustrada a abertura que obtiveram a partir da mudança pessoal, levando em consideração que, ao passo que se abre para algo ou alguém significativo, a pessoa tende a ver-se a si mesmo de uma maneira diferente e obter uma postura mais altruísta. Já no discurso da terceira entrevistada, vê-se o quanto o trabalho voluntário contribuiu para a superação de um problema pessoal que ela vivia. A mudança pessoal aconteceu como um aprendizado, uma consequência da vivência do trabalho voluntário.

O discurso do sujeito coletivo da ideia *mudança pessoal* é:

Com a experiência do GAPO “*aprendi a me redefinir como pessoa, saber tratar mais as pessoas, estar mais aberta, aprendi a viver melhor.*”

A terceira ideia central, expressa nos discursos de duas entrevistadas, é a de *solidariedade*. Mais uma vez se vê o valor de atitude generalizado, manifestado em atos transcendentais, presente no discurso das voluntárias (LUKAS,1992). Mesmo com sua condição favorável, tiveram a capacidade de afetação, ou seja, como resultado da noodinâmica (entre o ser e o dever ser), deixam-se tocar pelo valor e o sentido captado. A entrega, própria da autotranscendência, faz com que elas se empenhem no trabalho voluntário e, dessa forma, adquiram como aprendizagem a capacidade de se implicarem nas causas de outras pessoas, sendo solidárias. A sensibilização com a situação do outro só acontece na medida em que o sujeito consegue diferenciar-se.

“Nessa perspectiva, na diferenciação o sujeito estabelece vínculos autênticos com os demais, a partir do suporte social e bom convívio, implicando no processo empático, na alteridade e mesmo na autenticidade do sujeito, percebendo o que é próprio a si e aos demais. Frankl (2011) apresenta o amor como sendo a expressão mais concreta de diferenciação, da percepção do outro como sendo verdadeiramente outro, numa relação sem expectativas, a partir da compreensão da unicidade do homem.” (SÁ, 2016, p.46)

O discurso do sujeito coletivo da ideia *solidariedade* seria, portanto:

Com a experiência do GAPO “*aprendi a ser mais solidária, a me sensibilizar mais com a dor do outro, ajudando outras pessoas a não se desesperarem com o diagnóstico do câncer.*”

Por fim, a ideia central *gratidão*, presente no discurso da 4ª entrevistada, relaciona-se com o aspecto transcendente que se evidencia nos valores experienciais. Estar grato ao outro, independente de para quem essa gratidão se dirija (a outro ser humano ou a Deus), mostra o valor experiencial vivenciado no encontro existencial, já que a gratidão só se dá no encontro (FRANKL, 2003).

A entrevistada 04 apresenta a relação com Deus como algo que ela aprimorou a partir do contato com o trabalho voluntário no GAPO. A logoterapia não se caracteriza como uma psicoterapia religiosa, mas leva em consideração a religiosidade como uma expressão da

dimensão noética. É a própria pessoa quem decide de que forma deve encarar a sua responsabilidade “se, em última instância, ela diz respeito à humanidade, à sociedade, à própria consciência ou a Deus” (FRANKL, 2011, p.178).

Para Frankl (2011), é por meio da fé que se pode relacionar-se com o suprasentido, ou o sentido último, pois este não pode ser compreendido de forma meramente racional. Percebe-se, no discurso da voluntária 4, que, por meio do trabalho voluntário ela abriu-se ao suprasentido, podendo atribuir significado às suas atividades dentro e fora da instituição.

O discurso do sujeito coletivo nesse caso é:

Com a experiência do GAPO aprendi “*ter mais capacidade de perdoar, de agradecer a Deus a cada dia o que a gente recebe, o dom da vida.*”

A quarta e última pergunta dirigida às participantes “*para você, qual o sentido do trabalho voluntário?*” apresentou uma única ideia central em todas as respostas, que é *ajudar o próximo*, conforme se percebe na tabela abaixo:

Sujeito	Expressões-chave	Ideias centrais	Frequência
01	<i>“ajudar, é amar o próximo, através de pequeninas coisas.”</i>		
02	<i>“vê que ajudou de alguma forma”</i>		

03	<i>“Ajudar o próximo”</i>		
04	<i>“Servir ao próximo”</i>		
05	<i>“O amor ao próximo”</i>	Ajudar o próximo	100%
06	<i>“tô empregando meu tempo com uma coisa útil, servindo ao povo, é um sentimento de solidariedade”</i>		
07	<i>“Ajudar o próximo.”</i>		
08	<i>“Quando você ajuda uma pessoa você se sente mais feliz ainda.”</i>		
09	<i>“Ajudar as pessoas, cativar as amizades.”</i>		
	<i>“É você se doar. Fazer sem adquirir nada em troca”</i>		

Tabela 4: Expressões-chaves e ideias centrais acerca do sentido atribuído ao trabalho voluntário

Percebe-se nos discursos de todas as voluntárias que o sentido que elas atribuem ao trabalho voluntário é o desejo de *ajudar o próximo*, sendo este também o motivo que quase todas apontaram, na primeira questão da entrevista, como responsável pelo seu engajamento.

Não é o trabalho em si que confere sentido ao sujeito, mas a forma como ele o executa e vivencia; nem mesmo as condições e a relação com o trabalho são suficientes para o desempenho criativo do indivíduo, mas a forma como ele significa suas ações (FRAKL, 2003).

A atitude autotranscendente expressa nas respostas das voluntárias reafirma a importância do sentido da vida encontrado pelas entrevistadas, mediante a realização de valores que podem ser de criação, quando realizamos algo para o mundo; valores de experiência, quando recebemos algo de alguém ou do mundo, da natureza; e, sobretudo, no ato de amar; e também os valores de atitude, quando mudamos a nós mesmos, nossas atitudes frente a situações limites (como o diagnóstico do câncer), ou ainda vivenciando os valores de atitude generalizado, quando, diante de um destino que não precisa ser modificado, o sujeito alcança a autotranscendência em vista de outros que não têm o mesmo destino favorável.

O discurso do sujeito coletivo da quarta questão, referente à ideia central *ajudar o próximo* é:

Para mim, o sentido do trabalho voluntário é “*ajudar, é amar o próximo, através de pequeninas coisas. Quando você ajuda uma pessoa você se sente mais feliz ainda. Pra mim, o sentido é você se doar, fazer sem adquirir nada em troca.*”

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo desses pressupostos, pôde-se perceber uma relação entre a busca de sentido e o trabalho voluntário, a partir da compreensão de como os sujeitos que se empenham neste trabalho atribuem significado às suas ações, buscando-se uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais expostas pelas entrevistadas. A partir da autotranscendência e vivência de valores, incluindo os valores de atitude generalizados, as pessoas podem encontrar sentido para suas vidas através do voluntariado.

O motivo que as levou ao voluntariado coincide com o sentido por elas atribuído ao trabalho voluntário (questões 1 e 4 da entrevista), que é basicamente a postura autotranscendente. Ajudar o próximo constitui-se como a motivação mais frequente entre as respostas e o sentido encontrado por todas elas em suas ações laborais dentro do GAPO.

O sentido do trabalho pode ser, portanto, encontrado através do voluntariado, onde a pessoa tem a oportunidade de, despretensiosamente, vivenciar o caráter de unicidade de sua essência, sendo absolutamente singular e irrepetível.

Algumas das voluntárias já passaram pelo diagnóstico do câncer e, contrapondo-se às expectativas, superaram, como uma escolha de superação, e ressignificam o sofrimento que vivenciaram e passam a ter um novo olhar sobre a vida, atribuindo significado às suas ações e, em um movimento de abertura, sensibilizar-se com outras pessoas que passam pelo mesmo destino que elas enfrentaram. Diante das imposições dolorosas que a vida lhes impôs, elas resolveram agir, de forma livre e responsável, em busca de um sentido que ultrapassasse a dor, sendo esta não ignorada, mas ressignificada. As experiências vivenciadas pelas participantes demonstram a capacidade que o ser humano tem de superar-se, desafiando as condições adversas.

Outras, por sua vez, não tiveram câncer mas usaram de sua condição saudável como uma motivação a mais para ajudar outras pessoas nas dores e sofrimentos que o destino lhes

reservou. Algumas pessoas, mesmo sem deparar-se com uma situação limite em sua própria vida, sentem falta de algo essencial em suas vidas. Procuram, por vezes, fortalecer sua identidade, personalidade, e até mesmo realizar-se em uma ocupação, que é o caso de pessoas aposentadas que buscam alguma atividade que as preencham. Isso corrobora com a afirmativa de Frankl de que a autotranscendência é constitutiva da identidade própria do ser humano.

O homem, por não ser movido pelo prazer, não pode realizar-se apenas pela ausência de sofrimento e adversidades, mas sobretudo pela abertura de si para algo ou alguém. As pessoas que tomam esse tipo de atitude mediante um destino positivo realizam o valor de atitude generalizado. Percebe-se, nas voluntárias participantes da pesquisa, a vivência de valores sendo fortalecida através do trabalho no GAPO, além do compromisso que elas assumem com a causa dos pacientes. Aquilo que elas tiveram de benefício em suas vidas, acabam empregando em vista de uma melhor condição de vida de outras pessoas, o que acontece no encontro existencial.

O ser humano pode, através da vivência de valores (criativos, experienciais, atitudinais e os de atitude generalizados), exercendo sua consciência e liberdade, compreender a unicidade da vida, seus significados e o sentido presente em cada situação, ainda que sejam as mais trágicas.

Contribuindo para o conhecimento prático e científico acerca da temática, este estudo propiciou um diálogo entre a logoterapia e o voluntariado, servindo como um ponto de partida para que hajam estudos e elaborações de práticas terapêuticas com o auxílio do trabalho voluntário como uma forma autêntica de encontrar sentido.

VOLUNTEER WORK:
SELF-TRANSCENDENCE AS WAY OF SENSE

ABSTRACT

This qualitative research aimed to identify the relevance of volunteering as a means of realizing meaning, aiming to understand the relationship of work and the character of mission performed in voluntary activities from the concepts of self - transcendence and value of generalized attitude. Considering work as a means by which man can self-transcend himself, a self-sacrificing posture in favor of the other, although through a positive destiny, can give meaning to the labor actions, leading the individual to find meaning. The Logotherapy and Existential Analysis of Viktor Emil Frankl was used as the theoretical and epistemological basis, emphasizing the realization of values in the context of voluntary work. For the analysis of the interviews, the Collective Subject Discourse technique was used, where through the observations and interviews conducted with the subjects of the research, a synthesis is formed from pieces of discourse of similar meaning gathered in a single. The non-random sample consisted of 10 volunteers linked to the headquarters of the GAPO (Support Group for Cancer Patients) of Campina Grande, PB. The results obtained from the interviews of the people interviewed pointed to a causal link between the meaning of work and volunteering, as an expression of self-transcendence and the realization of values; and that the motive that led them to volunteer coincides precisely with the sense they attribute to voluntary work.

Keywords: Voluntary Work; Self-transcendence; Logotherapy.

REFERÊNCIAS:

ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

AZEVEDO, D. C. de. Voluntariado Corporativo- Motivações para o trabalho voluntário. In: **XXVII Encontro nacional de Engenharia de Produções – ENEGEP**. UNISINOS, Foz do Iguaçu, PR, 2007.

DUARTE, S.; MAMEDE, M.; ANDRADE, S. Opções Teórico- Metodológicas em Pesquisas Qualitativas: Representações Sociais e Discurso do Sujeito Coletivo. **Saúde Soc.** São Paulo, v.18, n.4, p.620-626, 2009.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia para todos**. Uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. **A psicoterapia na prática**. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

_____. **A presença ignorada de Deus**. 2ª Ed. São Leopoldo: Sinodal e Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. **Psicoterapia e sentido da vida**: fundamentos da logoterapia e análise existencial. São Paulo: Quadrante, 2003.

_____. **Um sentido para a vida**: Psicoterapia e Humanismo. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2005.

_____. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. 25ª Edição- São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **A vontade de sentido**: fundamentos e aplicações da logoterapia. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. **Teoria e terapia das neuroses**: introdução à logoterapia e à análise existencial. São Paulo: É Realizações, 2016.

FRIZZOTTI, E. **Conquista da liberdade**: proposta da logoterapia de Viktor Frankl. (S.D.C. Reis, Trad.) São Paulo: Paulinas, 1997.

FERREIRA, M.; PROENÇA, T.; PROENÇA, J. F. As Motivações No Trabalho Voluntário. **Revista Portuguesa E Brasileira De Gestão**. 2008, p.43-53

GIONANETTI, J. P. **Psicoterapia fenomenológico-existencial**: fundamentos filosófico-antropológicos. Belo Horizonte: FEAD, 2012.

GUEDES, K. C; GAUDÊNCIO, E. O. Trabalho e Logoterapia: análise existencial da situação de desemprego. *In: Revista Logos & Existência*, 1, 26-37. 2012.

LEFÈVRE, A. M.;CRESTANA, M.;CORNETTA, V. A utilização da metodologia do discurso do sujeito coletivo na avaliação qualitativa dos cursos de especialização “Capacitação e Desenvolvimento de Recursos Humanos em Saúde-CADRHU”, São Paulo – 2002. *In:Rev. Saúde e Sociedade*, v.12, n.2, p.68-75, jul-dez. 2003.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2005.)

_____.O sujeito coletivo que fala. *In: Rev. Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v.10, n.20, p.517-24, jul/dez. 2006.

LUKAS, E. **Logoterapia**: a força desafiadora do espírito. São Paulo: Ed. Loyola, 1989.

_____. **Prevenção psicológica**: a prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da logoterapia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

ORTIZ, E. M. Modelo Logoterapêutico – Ambulatorio en adicciones. In: VALIENTE, S. S. et. al. **Logoterapia en acción**: aplicaciones prácticas. Buenos Aires: San Pablo, 2009, pp. 435-450.

_____. **El dialogo socrático en la psicoterapia**. Colombia: SAPS, 2012.

PEREIRA, I. S. **A ética do sentido da vida**: fundamentos filosóficos da Logoterapia. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2013.

ROBLES, Y. A. M. Um olhar existencial à morte ou finitude. In: Oliveiros, O. L. & Kroeff, P. (Orgs.). **Finitude e sentido da vida: A logoterapia no embate com a tríade trágica**. Editora Evangrad: Porto Alegre. 2014, pp. 15-61.

SÁ, L. B. M. de. A dimensão social na logoterapia. In: Santos, G. de M. & Sá, L. B. M. de. (Orgs.) **Da teoria à prática: a dimensão social da logoterapia**. Editora Ideia: João Pessoa. 2016, pp. 44-52.

VIANA, E. A. S. & MACHADO, M. N. M. Sentido do trabalho no discurso dos trabalhadores de uma ONG em Belo Horizonte. **Revista Psicologia & Sociedade**, 23 (1) pp. 46-55. 2011.

XAUZA, Izar A. M. **A Psicologia do Sentido da Vida**. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

